

Sem razão para fugir

1 * AGO 1989

PEDRO EBERHARDT

O pessimismo em relação ao Brasil e a outros países da América Latina é crescente. Nos últimos anos, essa região do Mundo transformou-se em sinônimo de crise econômica, endividamento externo e descontrole inflacionário. O único aspecto positivo, ressaltado por diversos observadores, é a democracia, que vem florescendo apesar de todas as dificuldades.

No caso brasileiro, há razões de sobra para uma atitude pessimista, principalmente depois de três tentativas frustradas de derrubar a inflação e da falta de perspectivas a curto prazo. A esta altura, já não se pode esperar muito do atual Governo, a não ser que consiga administrar os problemas da melhor forma possível, a fim de preparar o terreno para o próximo Presidente.

Sem dúvida, estamos diante de uma situação difícil, que somente será superada se for enfrentada com racionalidade. Mas se nos comportarmos emocionalmente, e apenas tentando evitar perdas reais ou esperadas, não conseguiremos escapar da hiperinflação e de um agravamento do quadro econômico, político e social.

É claro que um desfecho desse tipo não interessa a um país que continua tendo todas as condições para caminhar com firmeza rumo ao desenvolvimento. Aos que, influenciados pelas adversidades do presente, duvidam, eu lembalaria as palavras do relatório anual da Coopers & Lybrand sobre o clima mundial para os negócios, que considera o Brasil o país chave para a América Latina.

Realistas, os autores desse trabalho reconhecem que muitas empresas estão restringindo os investimentos adicionais em nosso país, em virtude do elevado endividamento externo, das políticas econômicas inconsistentes, do nacionalismo econômico e do protecionismo. Esses fatores têm levado algumas grandes corporações a abandonar o mercado brasileiro, o que pode ser um erro estratégico.

O problema, dizem os economistas dessa consultoria com razão, não é evitar o Brasil (e isso vale também para os investidores brasileiros), mas encontrar maneiras de conviver com as graves dificuldades do momento, porque esta é a atitude correta a médio e longo prazos. O mercado brasileiro é o oitavo do mundo ocidental e poderá ser um

dos cinco primeiros nos próximos 15 anos, segundo o referido estudo. Na próxima década, o País poderá passar de nono para terceiro produtor mundial de automóveis e tornar-se grande fabricante de outros produtos manufaturados.

E evidente que para nós, brasileiros, avaliações desse tipo — feitas por observadores externos — são extremamente importantes. Elas reforçam nossa fé no potencial do País, ainda mais quando eles nos lembram que a nossa capacidade industrial é maior que as de Coréia, Formosa, Hong Kong e Cingapura reunidas!

Nosso problema, portanto, consiste em encontrar maneiras de utilizar a capacidade produtiva já instalada e em recriar as condições para uma retomada dos investimentos em capital fixo e tecnologia. Não temos dúvida de que isso exige um novo acordo com os credores externos, o saneamento das finanças públicas e uma profunda revisão do papel do Estado na economia. Estes serão os grandes desafios do futuro Presidente da República na etapa inicial do seu mandato.